



## LINGÜÍSTICA

# A pragmática como área de pesquisa: limites, categorias e possibilidades metodológicas

*Pragmatics as a Research Area: Limits, Categories, and Methodological Possibilities*

*La pragmática como área de investigación: límites, categorías y posibilidades metodológicas*

**Maria Fernanda do**

**Nascimento<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-0127-755X](https://orcid.org/0000-0002-0127-755X)  
[nascimento.maria23@edu.pucrs.br](mailto:nascimento.maria23@edu.pucrs.br)

**Recebido em:** 28 maio. 2025.

**Aprovado em:** 25 set. 2025.

**Publicado em:** 16 dez. 2025.

**Resumo:** Este artigo propõe uma reflexão sobre a pragmática como área de investigação científica, discutindo seus limites conceituais, metodológicos e epistemológicos. A partir de uma revisão teórico-argumentativa, problematizamos a indefinição do campo, marcada pela multiplicidade de objetos de estudo, abordagens teóricas e escolhas metodológicas. Argumentamos que a pragmática não se restringe ao estudo do uso da linguagem em contexto, mas se configura como uma ciência do uso, fundamentada na análise das práticas linguísticas situadas e socialmente orientadas. Como contribuição teórico-metodológica, propomos um modelo de categorias pragmáticas inspirado nas categorias filosóficas aristotélicas — falante, contexto, enunciado, enunciação e *uptake* —, com vistas a oferecer instrumentos sistematizados para a análise dos fenômenos pragmáticos. O modelo é exemplificado com a análise de respostas a elogios, demonstrando sua aplicabilidade e seu potencial para organizar procedimentos analíticos na área. Além disso, o artigo busca contribuir para a formação de novos pesquisadores em pragmática, especialmente aqueles que, iniciando sua trajetória, se deparam com as indefinições e os desafios próprios do campo. Destacamos, nesse sentido, a importância de uma postura reflexiva, da adequação metodológica ao objeto de estudo e da valorização da observação empírica. Por fim, sugerimos que futuras investigações possam ampliar e testar a proposta categorial apresentada, aplicando-a a distintos fenômenos e contextos interacionais. Esperamos, assim, fortalecer a pragmática como área consolidada e plural nas ciências da linguagem.

**Palavras-chave:** pragmática; categorias analíticas; metodologia; epistemologia; uso da linguagem.

**Abstract:** This article proposes a reflection on pragmatics as a scientific research field, discussing its conceptual, methodological, and epistemological boundaries. Based on a theoretical-argumentative review, we problematize the field's indefinición, marked by the multiplicity of study objects, theoretical approaches, and methodological choices. We argue that pragmatics is not merely the study of language use in context but constitutes a science of use, grounded in the analysis of situated and socially oriented linguistic practices. As a theoretical-methodological contribution, we propose a model of pragmatic categories inspired by Aristotelian philosophical categories — speaker, context, utterance, enunciation, and uptake — aiming to offer systematic tools for analyzing pragmatic phenomena. The model is exemplified through the analysis of responses to compliments, demonstrating its applicability and potential to organize analytical procedures in the field. Moreover, this article seeks to contribute to the training of new researchers in pragmatics, especially those who, at the beginning of their academic journey, encounter the field's inherent uncertainties and challenges. In this sense, we emphasize the importance of a reflective stance, methodological adequacy to the research object, and the value of empirical observation. Finally, we suggest that future investigations may expand and test the proposed categorial model by applying it to different phenomena and interactional contexts. Thus, we hope



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

to strengthen pragmatics as a consolidated and plural area within the language sciences.

**Keywords:** pragmatics; analytical categories; methodology; epistemology; language use.

**Resumen:** Este artículo propone una reflexión sobre la pragmática como campo de investigación científica, discutiendo sus límites conceptuales, metodológicos y epistemológicos. A partir de una revisión teórico-argumentativa, problematizamos la indefinición del campo, caracterizada por la multiplicidad de objetos de estudio, enfoques teóricos y elecciones metodológicas. Argumentamos que la pragmática no se reduce al estudio del uso del lenguaje en contexto, sino que se configura como una ciencia del uso, fundamentada en el análisis de prácticas lingüísticas situadas y socialmente orientadas. Como contribución teórico-metodológica, proponemos un modelo de categorías pragmáticas inspirado en las categorías filosóficas aristotélicas — hablante, contexto, enunciado, enunciación y *uptake* —, con el objetivo de ofrecer instrumentos sistematizados para el análisis de fenómenos pragmáticos. El modelo se ejemplifica mediante el análisis de respuestas a elogios, demostrando su aplicabilidad y potencial para organizar procedimientos analíticos en el área. Además, el artículo busca contribuir a la formación de nuevos investigadores en pragmática, especialmente aquellos que, al iniciar su trayectoria, se enfrentan a las indefiniciones y desafíos propios del campo. En este sentido, destacamos la importancia de una postura reflexiva, de la adecuación metodológica al objeto de estudio y de la valorización de la observación empírica. Finalmente, sugerimos que futuras investigaciones puedan ampliar y poner a prueba el modelo categorial propuesto, aplicándolo a distintos fenómenos y contextos interaccionales. Así, esperamos fortalecer la pragmática como un área consolidada y plural en las ciencias del lenguaje.

**Palabras clave:** pragmática; categorías analíticas; metodología; epistemología; uso del lenguaje.

### Considerações iniciais

A pragmática ocupa um lugar de destaque nas ciências da linguagem, em razão de sua atenção central ao uso da linguagem em contexto, às intenções comunicativas e às relações sociais que estruturam os atos de fala. Embora amplamente reconhecida como uma subárea da linguística, seu estatuto epistemológico permanece em disputa.

Allwood (1978) já apontava a escassez de respostas sólidas sobre a natureza e os limites da pragmática, cenário que ainda persiste. Autores como Borges Neto (2012) e Rajagopalan (1999) destacam que a indefinição dos limites da pragmática reflete, em parte, as incertezas epistemológicas da própria linguística. Entre os fatores centrais dessa indefinição, estão: (i) a

ambiguidade sobre o objeto específico da pragmática; (ii) a variedade de fundamentos teóricos que orientam seus estudos; e (iii) a multiplicidade de objetivos e abordagens de investigação adotadas pelos pesquisadores.

Neste artigo, nosso objetivo é discutir a pragmática como área de investigação científica a partir de um olhar crítico sobre seu estatuto metodológico, seus desafios teóricos e suas contribuições para o entendimento da linguagem em uso. Argumentamos que, longe de ser apenas uma extensão da semântica ou da comunicação, a pragmática possui fundamentos teóricos próprios, embora sua natureza interdisciplinar a situe em constante diálogo com outras áreas, como a filosofia da linguagem, a análise do discurso e a linguística aplicada. Assim, nossos objetivos específicos são: (1) examinar o percurso da pragmática como campo teórico, com destaque para suas divergências internas e aproximações com outras disciplinas; (2) discutir os desafios enfrentados na geração e na análise de dados empíricos que representem o uso da linguagem; e (3) propor um modelo de categorias pragmáticas inspirado em categorias filosóficas aristotélicas, visando oferecer ferramentas analíticas consistentes para a pesquisa em pragmática.

Metodologicamente, trata-se de uma investigação teórico-argumentativa, que se fundamenta na revisão crítica de literatura nacional e internacional, bem como na articulação entre epistemologia, filosofia da linguagem e prática metodológica da pesquisa empírica em pragmática. A proposta de categorias que encerrará este artigo é apresentada como uma contribuição para o avanço do debate sobre os instrumentos conceituais necessários à delimitação da pragmática como campo científico.

Em termos de estrutura, o artigo está dividido em cinco seções, a começar por esta introdução. Na segunda seção, abordamos o debate sobre os limites e os objetos da pragmática. A seção terceira discute a questão da empiria e dos métodos na pesquisa pragmática. A quarta seção apresenta uma reflexão epistemológica sobre categorias de análise e propõe um modelo

categorial. Por fim, a quinta e última seção traz as considerações finais e sugestões de encaminhamentos para estudos futuros.

### A pragmática e seus limites como disciplina

Nesta seção, propomos uma discussão acerca da natureza linguístico-metodológica da pragmática ao longo do seu desenvolvimento, norteados pelo seguinte questionamento: *A pragmática é apenas um novo nome para a linguística ou para uma teoria da comunicação?*<sup>2</sup> e pela escassez de respostas sólidas, conforme indicado por Allwood (1978, p. 2), que ainda persistem contemporaneamente à escrita deste trabalho nessa área de estudos.

De acordo com Borges Neto (2012), um dos consensos existentes na pragmática é o da indefinição de seus limites e suas fronteiras, e esse fator não é único dessa subárea, mas do contexto da investigação em linguística como um todo, como aponta Rajagopalan (1999). Para Borges Neto (2012), os problemas que pairam sobre a obscuridade na definição da pragmática como disciplina dos estudos linguísticos se apresentam em três vias principais: a primeira diz respeito à falta de clareza do que se observa como objeto próprio de estudo, dos fenômenos que estão na sua alçada; a segunda está relacionada ao arcabouço teórico; e a terceira, aos objetivos que fazem os pesquisadores fazer pragmática.

Em relação ao objeto de estudo, os manuais mais recentes da área no Brasil indicam que "a pragmática é o estudo do significado linguístico em contexto, isto é, visando a sua intenção comunicativa em uma determinada circunstância concreta" (Raso, 2023, p. 17) e que é relacionada "com o uso da língua, com a transmissão de informação via linguagem, com a maneira como o contexto de fala afeta e é afetado pelos enunciados e com a caracterização das ações e intenções comunicativas envolvidas na interação verbal" (Ferreira, 2023, p. 9). Assim, podemos compreender, com base nos autores e de maneira generalista, que a

pragmática, como área de estudos, está interessada no estudo da produção e da veiculação dos significados e dos fenômenos a eles relacionados como objeto associado ao uso humano e situado da linguagem em interação com seu par.

Partindo dessa compreensão inicial, observamos que a presença de um horizonte teórico tão diversificado quanto o que temos na pragmática, conforme apontam Barreto e Efkken (2019, p. 83), produz como resultado uma variedade de posturas e escolhas metodológicas distintas para o tratamento de fenômenos idênticos, como podemos notar nos desenvolvimentos pós-gricerianos e neogricerianos:

Em resumo, os desenvolvimentos pós- e neogricerianos tendem a enfatizar a natureza instrumental das operações inferenciais ligadas à implicatura, vistas como mecanismos de otimização do processo interpretativo, o que vai a par com a postulação de sua realidade psicológica em termos cognitivistas; já a abordagem griceriana original oferece à investigação dessas operações outra via possível, a de explicá-la sob a forma de raciocínios argumentativos que tem entre suas premissas os princípios que organizam a interação comunicativa, sem que sua implementação psicológica seja necessariamente postulada.

O objeto de análise dessas três abordagens pragmáticas é a implicatura, mas isso não implica dizer que gricerianos, pós- e neogricerianos<sup>3</sup> fazem escolhas metodológicas semelhantes por tratarem do mesmo objeto. Como destacado por Barreto e Efkken (2019), os empreendimentos de origem gricerianas explicam a implicatura por meio de métodos argumentativos pautados em princípios gerais da interação, já os de pós- e neogriceriana utilizam instrumentos pensados na natureza psicológico-cognitivista do fenômeno.

A pragmática formal parte da premissa de que o significado pode ser descrito e compreendido através da construção de aparatos lógicos previsíveis baseados em modelos matemáticos sofisticados e regidos por princípios universais presentes nas línguas naturais. Nessa perspectiva, o contexto analisado é o gramatical (Chierchia, 2004), que pode ser extraído do enunciado atra-

<sup>2</sup> "Is pragmatics just a new name for linguistics or for a theory of communication?" (Allwood, 1978, p. 2).

<sup>3</sup> Grice (1989), Levinson (2000), Speber e Wilson (1986).

vês das implicaturas generalizadas, diferentemente do que se observa na pragmática empírico-discursiva. A segunda tendência de pesquisa em pragmática aproxima-se mais dos autores da comunicação e de suas relações com o contexto da enunciação, a fim de descrever os diversos fenômenos pragmáticos materializados pela língua(gem) em uso concreto de conversação.

O Grupo de Trabalho em Estudos Pragmáticos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), formado em 2018 a partir da necessidade de reunir uma rede pesquisadores da pragmática no Brasil, apresenta definições, questões de investigação e relevância da área, como destacado no seguinte excerto:

Os estudos pragmáticos consistem numa área de intensa investigação interdisciplinar internacional que examina como falantes usam diferentes formas de linguagem para alcançar objetivos comunicativos em situações concretas de interação social. Esse campo de estudo investiga questões como a interpretação do significado implícito em uma mensagem, a influência do contexto na compreensão da linguagem e a relação entre linguagem e identidades sociais. Os estudos pragmáticos são relevantes, portanto, para a compreensão da comunicação humana e para o desenvolvimento de habilidades de comunicação eficazes (Grupo [...], 2025).

Desse modo, a pragmática (ou as pragmáticas) trabalhada pelo grupo é de natureza intrinsecamente interdisciplinar, associada a uma agenda internacional de investigação que parte do estudo do usuário e dos mecanismos alçados para que as intenções comunicativas sejam satisfeitas em contextos de uso e interação reais. Assim, os estudos abordam tópicos relacionados à produção e à compressão de significações na enunciação a fim de corroborar para o desenvolvimento de compreensões acerca do ser humano como sujeito reflexivo da língua(gem). Por conseguinte, tendo em vista própria natureza da área e das pesquisas produzidas pelo grupo, os estudos pragmáticos não são inseridos canonicamente em moldes disciplinares como a morfologia e a sintaxe, ou até mesmo a semântica, por exemplo.

Atualmente, o grupo conta com a presença

de 11 membros filiados, predominantemente, a instituições do Sul do país e, algumas, do eixo Sudeste. Os trabalhos desenvolvidos e orientados por essa rede de professores-pesquisadores durante esse período de cinco anos exploram proficuamente as aplicações e a ampliação das teorias dos atos de fala (Rollsing, 2018; Silva Neto, 2018; Spadotto; Santoro, 2019), da teoria da relevância (Fraga, 2022; Ibaños; Silveira, 2023; Santos; Godoy, 2021), da teoria das implicaturas conversacionais (Lins; Silva, 2020), das explicações de fenômenos relacionados à metáfora (Presotto, 2020), da pressuposição (Pereira, 2018; Petry, 2019), da contradição e paradoxos (Behle, 2019), da preservação de face (Freitas, 2020; Santana, 2019), das funções pragmáticas (Petry; Goldnadel; Lamberti, 2021), da competência pragmático-comunicativa (Porcellato, 2020), do significado complexo (Penz; Ibaños, 2020), dos marcadores pragmáticos (Schepers, 2021; Tavares, 2020), da topicalidade (Fávero *et al.*, 2021) e aproximam a área às discussões relativas ao ensino-aprendizagem de línguas (Coan Cardoso; Cataneo; Rauen, 2019; Perna; Ibaños; Porto, 2022).

Silva, Ribeiro e Silva (2019, p. 287) apresentam "uma cartografia teórico-analítica de duas pesquisas desenvolvidas no âmbito da linha 'Pragmática e Minorias Sociais', do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade da Universidade Federal de Sergipe (Gelins/ UFS), Brasil, entre os anos de 2016 e 2018", cujos resultados demonstram que as investigações contemporâneas em pragmática na região abordam questões clássicas relacionadas à face e à polidez, como destaque, mas a partir de dados marcados pela violência de gênero linguisticamente expressa em ambientes virtuais de interação. Assim, os autores apontam para um campo de pesquisa de duplo movimento, marcado pela pluralidade explanatória da literatura fundadora a partir de uma visão crítica da linguagem, dos seus sujeitos e de seus contextos, reconhecendo a demanda transdisciplinar dentro da investigação da língua(gem).

A pragmática é uma área de estudos que, independentemente da linha teórica adotada,

como observamos, tem como fundamento o uso da linguagem. Os trabalhos citados anteriormente destacam a pragmática como a investigação dos fenômenos relacionados ao uso da língua. Assim, ainda que possua um elevado potencial de teorização, essa área se sustenta na prática linguística, seja essa prática compreendida como um fenômeno universal da linguagem ou como uma manifestação específica em línguas particulares. Por essa razão, a investigação nesse campo deve necessariamente partir do uso, pois a pragmática é, em essência, uma teoria do uso. No entanto, isso nos leva a perguntas fundamentais: como, então, estudar o uso da língua? Como catalogar o uso formal, real, social e político da linguagem? De que forma podemos recuperar as artimanhas do contexto e compreender como ele interfere na materialização linguística e no impacto que ela exerce sobre a sociedade?

Primeiramente, é fundamental compreender o que significa estudar o uso da língua e como realizar essa análise. Toda teorização sobre o uso linguístico deve partir, necessariamente, da observação desse uso. Ele precisa existir, ser tangível e visível. Nessa perspectiva, a pesquisa em pragmática tem como ponto de partida um caráter empírico, à medida que investe na interpretação da “face mensurável da realidade social” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 50). Nesse momento, o pragmaticista deixa de ser apenas um falante ou usuário da língua, um ator na interação, e assume também o papel de narrador. O trabalho do analista do uso da linguagem consiste em descrever e narrar o que seus olhos podem observar. Contudo, além de narrador, ele permanece como personagem, pois não abandona seu papel inicial de falante, mesmo ao observar uma língua que não é a sua.

### A pragmática como campo empírico

A visão do linguista é, portanto, distinta da visão do falante comum. Isso nos leva à pergunta central: *que tipo de uso os pragmaticistas devem observar?* A resposta parece ser simples: *o uso real*. Os dados analisados pela pragmática não devem ser idealizados; eles precisam ser gerados

a partir do uso efetivo. Nesse contexto, surge a problemática da geração de dados. A língua que analisamos nunca será exatamente a língua que falamos. Mesmo quando os dados são retirados da oralidade, de situações informais gravadas ou de contextos formais – seja na escrita formal, informal, literária, jurídica ou cotidiana –, o que analisamos e teorizamos é apenas um recorte. Por mais próximo que esteja da realidade da prática linguística, quando o registramos, ele deixa de ser o uso real e se torna apenas o descrito. Como discute Bagno (2019), a língua gerada por nossos dados é uma hipóstase – uma abstração que representa apenas parte do fenômeno observado.

Como e por que, então, fazer pragmática? Se todo dado de língua gerado, apresentado e interpretado nas pesquisas não passa de uma hipóstase e nunca representará a totalidade da língua, qual é o propósito de se investigar uma área que se propõe a estudar o uso se esse uso jamais pode ser plenamente representado em sua realidade, mas apenas por meio de recortes e abstrações? Como é possível fazer ciência do uso da linguagem diante de todas as limitações e contradições inerentes à sua própria natureza? E, além disso, o que distingue a pesquisa sobre o uso da língua da pesquisa sobre sua estrutura se, ao final, todos os dados analisados não deixam de ser abstrações?

Em primeiro lugar, embora não consigamos representar o uso como uso real, fazemos tentativas de geração de dados que nos aproximem ao máximo dessa realidade. Para isso, utilizamos instrumentos específicos que, embora não sejam exclusivos da pragmática ou da linguística, desempenham um papel crucial nesse processo. No entanto, ao gerarmos dados a partir de falantes, é necessário que os participantes estejam conscientes e aprovelem esse processo, em função da ética de pesquisa. Essa conscientização, por si só, já eleva o nível de monitoração do uso da língua(gem), o que implica que os dados gerados — por instrumentos de oralidade, escrita ou multimodais — não sejam inteiramente naturais. Ainda assim, são o *mais próximo possível* desse uso real. A partir desses dados, ainda com limitações,

podemos estabelecer correlações significativas com a realidade, mesmo que se trate apenas de representações. O valor da pragmática, portanto, reside em sua capacidade de aproximar-se do uso real da língua, oferecendo interpretações e modelos que, mesmo imperfeitos, contribuem para a compreensão das interações humanas e do impacto da linguagem na sociedade.

Ao observarmos os instrumentos de geração de dados utilizados em pesquisas em pragmática, identificamos que O'Keeffe, Clancy e Adolphs (2019) destacam métodos como DCT (*Discourse Completion Task*), WDCT (*Written Discourse Completion Task*), *role-plays*, entrevistas, questionários e dados de *corpora* (língua falada ou escrita armazenada em um computador e disponível para análise). A pesquisa na área da pragmática é claramente multifacetada, refletindo a diversidade de direções e aplicações do campo. Apesar dessa diversidade, todas essas pesquisas compartilham o objetivo comum de compreender o uso da linguagem em contexto, seja de forma teórica, seja de forma prática. Não existe um método único ou "correto" para o estudo da pragmática. A maioria dos estudos empíricos concentra-se em pequenos conjuntos de dados (elicitados ou não) dentro de parâmetros específicos de uso. Apesar das variações nas abordagens, esses métodos contribuem progressivamente para o avanço da compreensão da linguagem em contexto. Por fim, a diretriz principal para qualquer estudo empírico em pragmática é que ele seja cuidadosamente planejado e conduzido, garantindo a qualidade e a relevância dos resultados.

Em segundo lugar, ao observarmos a linguística geral, percebemos que, desde a gênese da cientificação do pensamento sobre a linguagem, as contradições estão presentes. Essas aparentes contradições e limitações constituem o *modus operandi* de toda área que se propõe a investigar a língua(gem). É justamente por meio do contraditório e da diversidade que se realiza a pesquisa sobre a língua(gem). No caso da pragmática, embora não seja possível analisar o uso da linguagem em sua *totalidade*, mas apenas suas abstrações, essa área se propõe a estudar o

uso em contexto, considerando aspectos sociais e culturais. A pragmática tenta compreender a linguagem com os instrumentos que possui, alinhados à sua fundamentação teórica. Suas escolhas metodológicas buscam simular a realidade para observar o uso em contextos específicos, respeitando, ao mesmo tempo, as condições acadêmicas, políticas, sociais e econômicas do próprio pesquisador. Afinal, nem todas as universidades dispõem de orçamento para pesquisas de campo, viagens, aquisição de instrumentos ou salários para pesquisadores, especialmente mestrandos e doutorandos. Mesmo com essas limitações, a pragmática mantém seu foco em investigar a língua em uso em contextos específicos, dentro das possibilidades concretas de cada realidade.

### Desafios epistemológicos: o que é categoria na pragmática?

Ao observarmos as disciplinas da linguística, percebemos que seus objetos e categorias de análise tendem a ser delimitados de forma relativamente estável, sugerindo a existência de um acordo mínimo sobre o que pertence a cada campo e o que é investigado em cada abordagem. Por exemplo, a fonologia estrutural estuda o fonema e o vocábulo fonológico como categorias de análise; a análise do discurso de linha francesa investiga o discurso como unidade de análise, utilizando categorias como sujeito e ideologia; e a morfologia tem como unidade de análise o morfema. Mas, e a pragmática? Qual é a sua unidade de análise? Quais categorias específicas podem ser atribuídas a ela? Frequentemente pensamos em fenômenos pragmáticos, como os atos de fala, a polidez e a cooperação conversacional. Contudo, podemos considerá-los categorias de análise? Provavelmente não. Esses são fenômenos que observamos nos dados gerados em nossas pesquisas, sobre os quais teorizamos, mas que não se equivalem a categorias no sentido estrito. Não funcionam como o morfema na morfologia, o sujeito no discurso ou o sujeito nulo na sintaxe. Isso nos leva à seguinte indagação: é possível conceber categorias de análise próprias

da pragmática, que sejam tão definidas quanto as de outras disciplinas da linguística? De onde surge a necessidade de definirmos categorias de análise para os estudos pragmáticos?

Desse modo, reconhecemos a necessidade de refletir sobre o que distingue um fenômeno de uma categoria, investigando se essa distinção é possível e como pode ser realizada. Para isso, orientamo-nos pela discussão de Valle (2022) acerca das noções de categoria, teoria e conceito em filosofia. Com base em Kant (1980), Valle (2022) explica que as categorias são concebidas como determinantes/postulados universais, atuando como generalizações destinadas a validar qualquer experiência ou fenômeno que possa ser concebido ou experimentado. Nessa linha, Valle (2022), apoiando-se em Aubenque (2002), considera que as categorias atuam como condições mínimas necessárias para organizar e compreender os fenômenos, conferindo-lhes inteligibilidade. Assim, a autora compreende que as categorias, embora não emergjam da experiência, são instrumentos essenciais para interpretação da realidade, pois precisam estar previamente presentes para que a experiência possa ser reconhecida como tal.

Ao nos voltarmos para a leitura de Aristóteles em *Categorias* (2002) e *Retórica* (1990), percebemos que o filósofo compreende as categorias como conceitos fundamentais para classificar e compreender a realidade. Essas categorias não se configuram como asserções e, portanto, não possuem compromisso direto com condições de verdade. Contudo, é a partir do estabelecimento delas que as asserções são desenvolvidas, funcionando como base para organizar e interpretar os fenômenos. As categorias aristotélicas, descritas como modos fundamentais de predicação, são: (1) Substância: refere-se ao próprio sujeito ou essência, uma unidade substancial que existe em si mesma; (2) Quantidade: diz respeito à medida ou extensão, podendo ser discreta ou contínua, geralmente associada a valores numéricos; (3) Qualidade: abrange aquilo que qualifica ou caracteriza os objetos, permitindo distinguir propriedades intrínsecas; (4) Relação:

implica uma dependência ou referência a algo externo, abrangendo conceitos como estado, percepção, conhecimento, posição e disposição; (5) Lugar: refere-se à posição espacial ocupada por algo; (6) Tempo: diz respeito à posição temporal de eventos ou estados; (7) Posição: descreve a postura ou organização de algo em um contexto específico; (8) Estado: refere-se a condições ou configurações adquiridas por algo; (9) Ação: envolve o desempenho de algo por um agente; (10) Paixão: corresponde ao recebimento ou à experiência de uma ação, funcionando em oposição à ação. A ação e a paixão são categorias paradoxais porque, embora sejam opostas, estão interligadas, já que toda ação envolve um receptor que, por sua vez, experimenta a paixão. Essas categorias aristotélicas formam a base de um sistema abrangente de classificação da realidade, essencial para a compreensão do mundo e para a formulação de juízos sobre ele.

Com base nas categorias aristotélicas, propomos categorias pragmáticas como instrumentos metodológicos para a pesquisa na área. A primeira categoria que destacamos é a do *falante*, que corresponde à categoria de substância em Aristóteles, pois o falante é o sujeito essencial e indispensável para a produção do enunciado. A segunda categoria proposta é a de *contexto*, que reúne as categorias aristotélicas de lugar, tempo e posição, uma vez que o contexto abrange os elementos situacionais e temporais que moldam a interação pragmática. A terceira categoria é o *enunciado, como ato de fala*, relacionado às categorias de qualidade e relação, por englobar tanto o conteúdo quanto os vínculos estabelecidos entre os participantes do ato comunicativo. Em seguida, apresentamos a *enunciação* como a quarta categoria pragmática, correspondendo à categoria de ação, ao refletir o ato concreto de produzir linguagem em um contexto específico, evidenciando a dimensão performativa e interativa do uso da língua. Por fim, destacamos o *uptake*, que corresponde à categoria de paixão em Aristóteles, ao tratar das formas como os interlocutores respondem ou reagem aos atos de fala realizados por outro falante. Essa categoria

inclui elementos como aceitação, rejeição, reforço ou mesmo interpretações implícitas, ressaltando

a natureza responsiva e dinâmica da comunicação – conforme descrito no quadro que segue.

**QUADRO 1** – Correspondências entre categorias pragmáticas e aristotélicas

<b>Categoria pragmática</b>	<b>Categoria aristotélica</b>	<b>Descrição</b>
<i>Falante</i>	<b>Substância</b>	Sujeito essencial para a produção do enunciado
<i>Contexto</i>	<b>Lugar, tempo e posição</b>	Elementos situacionais e temporais da interação
<i>Enunciado</i>	<b>Qualidade e relação</b>	Conteúdo e vínculos no ato comunicativo
<i>Enunciação</i>	<b>Ação</b>	Produção concreta da linguagem em contexto
<i>Uptake</i>	<b>Paixão</b>	Reação do interlocutor (aceitação, rejeição, reforço etc.)

Com base nessas categorias indicadas, é possível conduzir, de maneira mais clara, a análise de diferentes fenômenos pragmáticos. Por exemplo, em uma investigação anterior (Nascimento, 2025), analisei respostas a elogios produzidas por aprendizes de português como língua adicional, cuja língua de origem era o espanhol. De maneira a sintetizar a pesquisa, o objetivo do estudo era compreender o modo como esses aprendizes respondiam aos elogios. Para interpretar esse fenômeno, foi necessário mobilizar o objeto de análise em diálogo com as categorias mencionadas: considerar o falante que responde ao elogio, o contexto em que essa resposta ocorre, a própria resposta como enunciado e, portanto, como ato de fala; além disso, pensar a enunciação e o elogio também como *uptake*. Essa articulação evidencia, assim, o grau de complexidade que todo e qualquer objeto analisado no âmbito da pragmática assume.

Assim, foi imprescindível considerar o falante como categoria fundamental, concebido como substância necessária à produção do enunciado, já que é a partir de sua posição e de sua subjetividade que se realiza a ação comunicativa. Do mesmo modo, o contexto — no papel de articulação entre lugar, tempo e posição — revelou-se central para compreender os elementos situacionais e temporais que configuram a interação. A própria resposta ao elogio, como enunciado, constituiu-se em unidade de análise, portadora

de qualidade e relação, isto é, do conteúdo e dos vínculos expressos no ato comunicativo. Além disso, a análise exigiu que se considerasse a enunciação, concebida como ação, ou seja, como produção concreta da linguagem em contexto, evidenciando o caráter performativo da resposta ao elogio. Por fim, a dimensão do *uptake* também se mostrou indispensável, uma vez que a reação — seja de aceitação, rejeição ou reforço — expressa aquilo que Aristóteles classificaria como paixão, conferindo à interação sua qualidade responsiva.

A resposta ao elogio é um fenômeno pragmático complexo, cuja análise demanda a articulação entre múltiplas categorias interdependentes. Em primeiro lugar, compreendo o elogio como um ato de fala, ou seja, uma realização enunciativa que se concretiza em situação de interação com determinada força ilocucionária (Searle, 1984) — normalmente associada ao reconhecimento, à valorização ou à aproximação simbólica do interlocutor. Nessa perspectiva, todo enunciado é também um ato, de modo que a análise do elogio como fenômeno linguístico-social não se reduz à sua forma, mas envolve os efeitos pragmáticos que ele projeta e negocia na interlocução. Além disso, o elogio frequentemente se inscreve como *uptake*, isto é, como uma reação responsiva a um enunciado ou a uma ação anterior — por exemplo, a um desempenho, uma escolha estética, uma atitude ou até à própria presença do outro.

Esse caráter responsivo-relacional implica que o elogio é, ao mesmo tempo, uma resposta e um movimento de abertura para novas respostas: gera *uptakes* subsequentes (como as formas de aceitação, recusa ou mitigação), que também são atos de fala e revelam aspectos importantes das relações sociais, da face e da negociação de posicionamentos na interação.

Essa articulação evidencia, assim, o grau de complexidade inerente a todo e qualquer objeto de análise na pragmática. Por conseguinte, torna-se evidente a superficialidade da compreensão genérica segundo a qual a pragmática se limitaria ao estudo do uso da linguagem em contexto. Quando observamos quadros analíticos como o descrito, percebemos que, embora o contexto seja um elemento fundamental, ele não é a única categoria mobilizada na análise de fenômenos pragmáticos. As demais categorias indicadas são igualmente essenciais para a compreensão desses fenômenos, como se observa, por exemplo, na análise da implicatura, que demanda uma articulação entre o enunciado, a enunciação, o falante, o contexto e o *uptake*.

Ademais, é preciso reconhecer que cada uma dessas categorias comporta níveis de complexidade distintos. Se pensarmos, por exemplo, na enunciação como uma categoria que contribui decisivamente para a investigação pragmática, somos conduzidos a impasses relacionados ao próprio processo de geração de dados: até que ponto conseguimos, efetivamente, observar, gerar, documentar e analisar a enunciação como língua em ação? Tal reflexão evidencia que a investigação pragmática não se limita a descrever o contexto de uso, mas implica considerar o modo como múltiplas categorias interagem na constituição do fenômeno analisado.

Destarte, os empreendimentos teórico-analíticos empenhados nesta análise consideram e estão inseridos nas discussões contemporâneas da área, considerando a interdisciplinaridade com as demais áreas, principalmente da linguística, em especial, a sintaxe e o discurso, e a geração de dados de uso da língua(gem). Para tanto, a visão de pragmática empenhada nesta pesquisa apro-

xima-se das considerações de Jacob Mey (2014) ao apontá-la como uma ciência independente, não apenas um dos componentes linguísticos de análise da gramática de uma língua natural, que se preocupa com "a voz de modo como ela é socialmente produzida, condicionada, moldada, estruturada" (Silva, 2014, p. 168). Desse modo, o foco se torna o sujeito da linguagem, e não a língua pura conforme os moldes tradicionais desenvolvidos pela divisão clássica apresentada anteriormente nesta seção e como ele constrói significados em dados contextos sociopragmáticos.

### Considerações finais

Este artigo buscou refletir criticamente sobre a pragmática como uma área de investigação científica, discutindo seus limites disciplinares, seus desafios epistemológicos e metodológicos, bem como suas contribuições para o entendimento da linguagem em uso. A partir de uma revisão teórico-argumentativa, foi possível mostrar como a pragmática, embora marcada por uma indefinição conceitual, constitui-se em campo interdisciplinar fundamental para a compreensão da comunicação humana.

Um dos principais aportes deste trabalho reside na proposta de um modelo de categorias pragmáticas inspirado nas categorias aristotélicas, que visa oferecer instrumentos conceituais e metodológicos mais sistematizados para a análise de fenômenos pragmáticos. Essa proposta busca superar a tendência de compreender a pragmática apenas como um estudo do "uso da linguagem em contexto", evidenciando a necessidade de uma análise que articule múltiplas dimensões — o falante, o contexto, o enunciado, a enunciação e o *uptake* — na descrição e na interpretação de atos comunicativos.

Embora reconheçamos que toda categorização é, em certo grau, uma abstração, acreditamos que a formulação apresentada pode contribuir para a organização dos procedimentos analíticos em pragmática, ampliando a precisão metodológica e favorecendo a comparabilidade entre investigações. Ao mesmo tempo, é importante destacar

que a proposta aqui delineada não se pretende definitiva, mas antes um convite à reflexão e ao desenvolvimento de novos modelos que possam aprofundar a compreensão da pragmática como ciência do uso. O percurso aqui delineado procura demonstrar que a pragmática, justamente por sua abertura interdisciplinar e por sua multiplicidade metodológica, acolhe diversas perspectivas e diferentes procedimentos, não havendo uma única maneira “correta” de fazer pesquisa na área.

Entre os possíveis desdobramentos desta pesquisa, destacamos a aplicação das categorias propostas em análises empíricas de diferentes fenômenos pragmáticos, tais como a gestão da face em interações digitais, o estudo de marcadores pragmáticos na fala espontânea ou, ainda, a investigação do desenvolvimento da competência pragmática no ensino de línguas adicionais. Além disso, futuras pesquisas podem explorar as interfaces entre essas categorias e as tradições analíticas da pragmática formal, empírico-discursiva e cognitiva, promovendo um diálogo ainda mais profícuo entre as diferentes vertentes da área.

Por fim, esperamos que esta reflexão contribua para o fortalecimento da pragmática como uma área de investigação cada vez mais consolidada no cenário acadêmico brasileiro e internacional, oferecendo caminhos não apenas para análises complexas e refinadas, mas também para acolher e orientar aqueles que, iniciando sua trajetória, buscam compreender como é possível fazer ciência a partir do uso da linguagem.

## Referências

- ALLWOOD, Jens. A bird's eye view of pragmatics. In: GREGERSEN, Kirsten; MEY, Jacob (ed.). *Papers from the fourth Scandinavian Conference of Linguistics*. Hindsgavl: Odense University Press, 1978.
- ARISTÓTELES. *Catégories*. Tradução R. Bodeüs. Paris: Belles Lettres, 2002.
- ARISTÓTELES. *Les réfutations sophistiques*. Tradução L. A. Dorion. Paris: Vrin, 1989.
- ARISTÓTELES. *Métaphysique*. Tradução J. Tricot. Paris: Vrin, 1990.
- AUBENQUE, Pierre. *Le problème de l'être chez Aristotélis: essai sur la problématique aristotélicienne*. Paris: PUF, 2002.
- BAGNO, Marcos. *Objeto Língua*. São Paulo: Parábola, 2019.
- BARRETO, Fanuel Melo Paes; EFKEN, Karl Heinz. Aspectos metodológicos da pesquisa em Pragmática. *Pensando: revista de Filosofia, [s. l.]*, v. 10, n. 20, 2019.
- BEHLE, Nanashara Fagundes. *Os fenômenos da Contradição e dos Paradoxos na Linguagem: uma avaliação de teorias e de estudos da Pragmática Inferencial*. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Orientador: Ana Maria Tramaunt Ibaños.
- BORGES NETO, José. *Do que se trata a pragmática?* Curitiba: UFPR, 28 ago. 2012. Texto de conferência proferida no I Workshop Internacional de Pragmática.
- CHIERCHIA, Chierchia. Scalar implicatures, polarity phenomena and the syntax/pragmatics interface. In: BELLETTI, Adriana (ed.). *Structures and Beyond*. Edited by. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 39-103.
- COAN CARDOSO, Marleide; CATANEO, Vanessa Isabel; RAUEN, Fábio José. Proposição de atividades contextualizadas para o ensino de potenciação na educação básica: uma abordagem pragmático-cognitiva. *Revista Ciências & Idéias, [s. l.]*, v. 10, p. 78-95, 2019.
- FÁVERO, Leonor Lopes; DIAS, Ana R. Ferreira; LIMA, Geralda de Oliveira Santos; TAFFARELLO, M. C. de M.; ANDRADE, M. Lúcia da Cunha V. de O.; LINS, M. da Penha Pereira; GALVÃO, M. Adriana Mamede; CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo. Topicalidade em comentários on-line do Instagram. *(Con)textos Linguísticos, [s. l.]*, v. 15, p. 146-169, 2021.
- FERREIRA, Marcelo. *Pragmática: significado, comunicação e dinâmica contextual*. São Paulo: Contexto, 2023. *E-book*.
- FRAGA, Joanne de Bittencourt. A textualidade na perspectiva da teoria da relevância: uma ilustração a partir de uma redação Enem nota mil. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Orientador: Marcos Goldnadel.
- FREITAS, Dinair Barbosa de. *Um estudo da face no discurso acadêmico de graduandos do curso de Letras – Língua Portuguesa*. 2020. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Orientador: Luiz Antonio da Silva.
- GRICE, Paul. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- GRUPO DE TRABALHO ESTUDOS PRAGMÁTICOS. Histórico. Disponível em: <https://anpoll.org.br/gt/estudos-pragmaticos/>. Acesso em: 21 nov. 2025.
- IBAÑOS, Ana Maria Tramaunt; SILVEIRA, Jane Rita Caetano. O que perguntas e o que inferes: meandros de um julgamento e teoria da relevância. *Linguagem em Discurso, [s. l.]*, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-23-01>. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/18114/13496](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/18114/13496). Acesso em: 23 mar. 2024.
- KANT, Immanuel. *Critique de la raison pure* Paris: Gallimard, 1980.

LEVINSON, Stephen. *Presumptive Meanings: the theory of generalized conversational implicature*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

LINS, Maria da Penha Pereira; SILVA, Jucélia Azevedo dos Santos. A exploração das máximas conversacionais e o tópico discursivo em comentários do perfil @laertegenial do Instagram. *PERCursos Linguísticos*, Vitória, v. 10, n. 26, 2020.

NASCIMENTO, Maria Fernanda do. *Respostas a Elogios à Luz da Pragmática Cross-Cultural: um estudo sobre Português (LM), Espanhol (LM) e Português (LA)*. 2025. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, 2025. Orientadora: Professora Dra. Cristina Becker Lopes Perna.

O'KEEFFE, Anne; CLANCY, Brian; ADOLPHS, Svenja. *Introducing Pragmatics in Use*. 2. ed. London: Routledge, 2019.

PENZ, Yuri Fernando da Silva; IBAÑOS, Ana Maria Tramaunt. Significado complexo e racionalidade ampla: alguns insights em Filosofia da Linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 55, n. 3, p. e36498, 2020. DOI: 10.15448/1984-7726.2020.3.36498. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/36498>. Acesso em: 23 mar. 2024.

PEREIRA, Pietra Acunha. *Pressuposições são implicaturas? Evidências empíricas a partir da análise do desempenho de adultos e crianças*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Orientador: Marcos Goldnadel.

PERNA, Cristina Becker Lopes; IBAÑOS, Ana Maria Tramaunt; PORTO, Martha Machado. Poder-e-Conseguir: Um Estudo sobre seus Usos por Aprendizes de Português Brasileiro. *Linguagem em (Dis)Curso*, [s. l.], v. 22, p. 483-500, 2022.

PETRY, Paloma; GOLDNADEL, Marcos; LAMBERTI, Luana. Funções pragmáticas de enunciados com dupla negação em Porto Alegre no final do século XX: uma análise qualitativa de dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas. *Revista da Abralin*, [s. l.], v. 20, n. 2, p. -38, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1899. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1899>. Acesso em: 22 mar. 2024

PETRY, Paloma. *Projeção de pressuposição do verbo aspectual parar em sentenças negativas: uma solução semântico-pragmática*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Orientador: Marcos Goldnadel.

PORCELLATO, Adriana Mendes. *A competência (meta) pragmática em italiano L2/LE: da análise do ato de fala do pedido em livros didáticos à elaboração e experimentação de propostas para o ensino*. 2020. Tese (Doutorado em Letras - Língua, Literatura e Cultura Italianas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Orientador: Elisabetta Santoro.

PRESOTTO, Leticia. *A compreensão da metáfora por aprendizes de português como língua adicional em contexto acadêmico*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Orientador: Cristina Becker Lopes Perna.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ermani C. *Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Nova Hamburgo: Feevale, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Os caminhos da pragmática no Brasil. *Delta*, [s. l.], v. 15, n. esp., p. 323-338, 1999.

RASO, Tommaso. *Pragmática*. São Paulo: Parábola, 2023.

ROLLSING, Lucas Zambrano. *Análise de Atos e Conceitos em Português Acadêmico*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Orientador: Cristina Becker Lopes Perna.

SANTANA, Katiúscia Cristina. *A descortesia na rede social Facebook*. 2019. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Orientador: Luiz Antonio da Silva.

SANTOS, Sebastião Lourenço Dos; GODOY, Elena. Arquitetura do processamento cognitivo: efeito racional e efeito emocional. *Linguagem em (Dis)Curso*, [s. l.], v. 21, p. 435-454, 2021.

SCHEPERS, Bruna Milano. *The use of pragmatic markers by English speaking learners of Brazilian Portuguese*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Orientador: Cristina Becker Lopes Perna.

SEARLE, John R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1984.

SILVA NETO, Mayara da. *Pedir em italiano: um estudo sobre a percepção da cortesia por parte de falantes nativos e aprendizes brasileiros*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras - Língua, Literatura e Cultura Italianas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Orientador: Elisabetta Santoro.

MEY, Jacob. Pragmática, sociedade (e a alma), uma entrevista com Jacob Mey. In: SILVA, D. do N. E. Pragmática, sociedade (e a alma), uma entrevista com Jacob Mey. *Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 161-179, 2014.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira; RIBEIRO, Vivian Araújo Fontes; SILVA, Leilane Ramos da. Caminhos da pesquisa em pragmática: polidez, violência e gênero. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 31, p. 287-303, jan./jun. 2019.

SPADOTTO, Luciane Nascimento; SANTORO, Elisabetta. Ordens e pedidos em língua italiana: um estudo da percepção de falantes nativos e aprendizes brasileiros. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 12, n. 4, p. e34170, 2019. DOI: 10.15448/1984-4301.2019.4.34170. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/34170>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SPEBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: communication and cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

TAVARES, Paulo Ott. *O desenvolvimento pragmático de aprendizes de português como língua adicional: as marcas de interação na escrita acadêmica*. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Orientador: Cristina Becker Lopes Perna.

VALLE, LÍlian do. Categoria, teoria, conceito: (para dizer o ser em múltiplos sentidos). *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2022. DOI: 10.1590/S1981-77462008000200006. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/1712>. Acesso em: 7 jan. 2025.

---

### **Maria Fernanda do Nascimento**

Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

---

### **Endereço para correspondência**

#### **MARIA FERNANDA DO NASCIMENTO**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Bento Gonçalves, 9500

Campus do Vale, Prédio 43221, sala 122

Agronomia, 91501-970

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*